

① Berkeley possui uma concepção do conhecimento essencialista, de cunho tanto platônico - quando fala da unidade da substância, quanto cartesiano - posto que demanda um espírito percipiente para que ocorra a existência de algo.

Segundo o seu raciocínio, se as ideias não existem sem o espírito, haverá algo de que elas são ~~cópias~~ cópias? De algo material? NÃO, já que, para Berkeley, uma ideia é semelhante a uma ideia, uma cor semelhante a uma cor, uma forma semelhante a outra forma. Se a semelhança só há, existe em nossas ideias, as coisas externas ao pensamento não existem, não são perceptíveis, pois é o "Espírito Percipiente" que as coloca lá, na existência. Posto que estes materiais não são ideias, logo não existem: são os "supostos originais" ou "coisas externas". Ou, o que Platão chamaria de "aparências", "sombras".

A proposição de Berkeley nos coloca em desatino e uma proposta, caso a aceitarmos: a de que "só há uma substância, o espírito, o percipiente" e de que ideias geram outras ideias e, ainda, que nada existe sem o espírito percipiente. Desse modo, todo o mundo material que nos rodeia torna-se um elúvia de nossa existência. Curiosamente, enquanto Aristóteles não fosse essencialista como Platão, de certa forma, Berkeley o retoma: para Aristóteles, o tempo somente existe se houver um ser percipiente que o contemple. Mas, verdadeiramente, o tempo não é uma cadeia que podemos tocar - ainda não temos instrumentos científicos para isso! O que Berkeley intenta dizer-nos é que esta cadeia em que estou, agora, só existe enquanto ideia, pois eu a percebo. Ou, se eu não estivesse nessa cadeia, ela não existiria, para mim. Em Platão, o mundo sensível era apenas as sombras do Ser. E, em Descartes, o cogito é o íntimo da existência. Unindo o essencialismo platônico e a instabilidade do real através de um espírito percipiente semelhante ao cogito cartesiano, a doutrina de Berkeley nos deixa em um ponto de paradoxal e apre-

②



UFRJ  
de setembro de 2017

Setor curricular

Filosofia

Nº 1801152

tiwo questionamento da realidade, fruto, antes de tudo, de um exercício filosófico - que pode ou não estar vinculado à realidade.

O questionamento de Quine, mais contemporâneo, considera a ciência como uma propedêutica, um método para averiguar a realidade. Assim, tanto os objetos físicos, quanto os deuses são objetos aptos à investigação, posto que estão colocados culturalmente em nosso cotidiano. Segundo Schlick, tanto a vida, quanto a ciência não são imbaláveis; sendo a ciência o mundo das probabilidades, tanto a experiência, quanto o conhecimento científico estão no estabelecimento das hipóteses. Quando Quine comenta que os 'objetos físicos' são epistemologicamente superiores em relação aos deuses no que tange à investigação científica, apenas corroborava o fato que possuímos ferramentas, instrumentos para analisá-los, testá-los, alterá-los, o que, cientificamente falando, não possuímos quanto aos deuses.

② Dificilmente esta tese popperiana se manteria imune às críticas, após todos os avanços científicos do último e presente séculos, e dos inúmeros efeitos deletérios de muitos desses avanços. Pois o discurso científico é determinante e influenciador de nossa existência. Para Foucault, há que se fazer uma crítica sócio-política em relação à verdade. As ciências são novos regimes de discurso e de saber, que representam, ao seu modo, um poder de intervenção na sociedade. O discurso científico constitui-se em problema hermenêutico e político: "o que está em questão é o que rege os enunciados e a forma como estes se regem entre si para constituir um conjunto de proposições atribuíveis cientificamente."

Isto constitui um problema ético, pois a falta a constituição do sujeito e lhe impõe 'constituições alienígenas' às suas deliberações. O "intelectual universal" assemelha-se a Creonte,



frente à polis teórica defendendo a universalidade de algo justo ou correto, por ele instaurada, e que não contempla o que há de contingente na natureza humana.

Ciência, política, sociedade e vidas humanas estão imbricadas. O exemplo do teste de Mariana nos mostra que o conhecimento científico possui valor econômico. E que avanços científicos, investimentos tecnológicos precisam, sim, serem valorizados extracientificamente, para que a ciência não se torne um totem esvaziado de significado, cujo peso sirva, apenas, para destituir-nos de nossa singularidade.

Pensemos, por um instante, nos "problemas unicamente à venda", através da lembrança de uma cena do filme "Inferno do Sotão". A comunidade em que vive a personagem Hushpuppy é atingida por ventuais e inundações. Enquanto a comunidade seja, originalmente, já isolada do que se consideraria uma existência cercada das benesses da ciência, ela é autônoma e ~~está~~ organizada. Mas, o alagamento faz com que órgãos de saúde os resgatem, retirando-os de sua ambiente, sob a alegação de que, assim, seriam salvos e ~~retidos~~ não correriam riscos. No hospital, aquela comunidade plasma-se em um contínuo de seres organizados, catalogados, higienizados. Pois o discurso médico de bem-estar assim o determina. Obviamente, todos fogem e retornam ao lar, à "Barragem". Na qual possuem a sua própria verdade, o seu próprio discurso, a sua própria ciência. Se os cientistas mantiverem a perspectiva de uma volatilidade do que 'concerne à verdade', talvez não precisem mais se preocupar ~~com~~ com as questões de valor inerentes "às suas atividades", pois elas estarão, assim, imersas no ~~contínuo~~ mundo da vida, na mundanidade, como dizia Heidegger, e não ~~apenas~~ apenas no mundo teórico.

3) Na concepção Adorniana de uma Teoria do Contencimento, alguns elementos precisam ser destacados: como se chega ao conhecimento, em uma sociedade de economia e cultura de massas, em que todas as atividades são determinadas pelo mercado, e em que os indivíduos são transformados em seres amorais?

Após o mergulho na barbárie perpetrado no período das duas guerras, os filósofos da Teoria Crítica viram-se instigados a repensar os caminhos da possível emancipação humana. Se a Alemanha, bastião cultural europeu, reduziu-se a algoz sanguinário, ~~apesar~~ a ponto de Adorno exclaimar, na 'Minima Moralisa', que era premente para eliminar a indignidade de que se abateu sobre a humanidade "Que não haja mais fome!", que caminhos esse ser detentor do conhecimento, a espécie humana, pode trilhar?

O problema é que o homem, como Odisseu, é polimético: sua engenhosidade o leva à desmetade. O avanço da técnica na sociedade europeia progredira como anúncio de uma nova Aurora de deuses, mas os deuses se mostraram, além de saudades, rapaces. Na voracidade irrestrita das ciências, da tecnologia e de palavras de ordem que traduziam um progresso pujante, o homem se distanciou de si, desumanizando-se.

Ao mesmo tempo, no pós-guerra, a massificação da cultura e dos hábitos - como Adorno descreve ocorrer nos E.V.A., quando do seu exílio - também o desumaniza.

Faz-se, então, necessário uma nova Teoria do Contencimento, que perscrute o espírito político, ético, moral, cultural de cada homem, que o emancipe, na valorização de uma existência plena. Talvez, assim, como Odisseu, possamos voltar à Ítaca, reinvidicando o poder sobre nós mesmos.